

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
GRADUAÇÃO EM LETRAS FRANCÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA FRANCESA**

ANA PAULA ELIAS DA SILVA

*VERSION ORIGINALE 1: REPRESENTAÇÕES DE RAÇA E FRANCOFONIA  
NO ENSINO DE FLE.*

Uberlândia

2024

ANA PAULA ELIAS DA SILVA

**VERSION ORIGINALE 1: REPRESENTAÇÕES DE RAÇA E FRANCOFONIA  
NO ENSINO DE FLE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa.

Orientadora: Prof. Dra. Camila Soares López

Data da defesa oral: 26 de abril de 2024

Membros da banca:

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** CAMILA SOARES LOPEZ  
Data: 21/08/2024 16:58:06-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Documento assinado digitalmente  
**gov.br** GIOVANNI FERREIRA PITILLO  
Data: 22/08/2024 09:57:21-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Camila S. López

Prof. Dra. Cintia C. Vianna

Prof. Dr. Giovanni F. Pitillo

Dedico este trabalho ao meu pai, João Elson. Sua presença permanece viva em meu coração, e suas lições continuarão a iluminar meu caminho para sempre. Seu legado perdurará através das palavras que escrevo e das realizações que alcanço.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha mais profunda gratidão a todas as pessoas que me apoiaram ao longo desta jornada.

À minha família, pelo amor e pela crença em mim, mesmo nos momentos mais desafiadores. Em especial, agradeço a minha mãe, Joana Darc, pelo exemplo de força e coragem. Aos meus irmãos, por me ensinarem tanto e aos meus sobrinhos por tornarem meus dias mais felizes.

Aos meus professores, que compartilharam seu conhecimento e experiência, suas orientações foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

À orientadora e professora, Dra. Camila Soares López, por aceitar me acompanhar neste desafio e ter sido tão paciente. Ao professor Dr. Giovanni Ferreira Pitillo, por sua disponibilidade e prontidão desde o primeiro ano do curso. Em especial, agradeço a professora Dra. Cíntia Camrago Vianna, pelos ensinamentos para além do espaço acadêmico, pelas oportunidades e por me permitir ter as melhores experiências ao longo da minha trajetória nesta instituição.

Aos meus alunos, vocês não fazem idéia do quanto aprendo com vocês.

Ao meu namorado, Antônio, por ser meu incentivador e meu companheiro de todas as horas. Obrigada por ser tão paciente e cuidadoso.

Aos meus amigos incríveis, os quais não consigo citar todos os nomes aqui, que estiveram ao meu lado nos bons e maus momentos, compartilhando risadas, lágrimas e experiências inesquecíveis. Sua amizade é um tesouro que valorizo profundamente. Eu amo vocês!

À Viviane, pela parceria e por me ceder o espaço de trabalho permitindo dividir um pouco do que aprendi com meus colegas. Ao Eudes, pela oportunidade de atuar na minha área de de formação. À Luciana, por estar sempre ao meu lado, você me trouxe calma nos momentos mais difíceis. Ao Wanderson, por sempre me dizer: *“respira fundo e continua, falta pouco”* Chegamos, amigo!

À Universidade Federal de Uberlândia - UFU -, instituição que permitiu que eu vivesse uma das melhores e mais desafiadoras fases da minha vida pessoal e profissional. E a todos os profissionais que fazem parte dessa instituição.

A cada um de vocês, meu mais sincero obrigada.

*“A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado”*

*(bell hooks)*

## VERSION ORIGINALE 1: REPRESENTAÇÕES DE RAÇA E FRANCOFONIA NO ENSINO DE FLE.

Ana Paula Elias da Silva

Orientadora: Prof. Dra. Camila Soares López

**RESUMO:** Esta pesquisa tem como objetivo contribuir com as práticas docentes e o desenvolvimento de um olhar crítico aos futuros professores e professoras de FLE (Francês Língua Estrangeira) a partir de uma análise do livro: *Version Originale I – Méthode de Français*. Para tanto, averiguamos esse material didático, tendo em vista suas representações de raça e francofonia. Consideramos, assim, as imagens reproduzidas nas páginas do livro, bem como áudios e propostas de atividades, e de que maneira são apresentados os países onde se fala a língua francesa, refletindo sobre um cenário de ensino ainda pautado em práticas racistas e de raízes coloniais.

**Palavras-chave:** racismo; francofonia; material didático; ensino de FLE.

## VERSION ORIGINALE 1 : REPRÉSENTATION DE LA RACE ET DE LA FRANCOPHONIE DANS L'ENSEIGNEMENT DU FLE.

**RÉSUMÉ :** Cette recherche vise à contribuer aux pratiques d'enseignement et au développement d'un regard critique sur les futurs enseignants et enseignantes de FLE (Français Langue Étrangère) à partir d'une analyse du livre : *Version Originale I - Méthode de Français*. Pour cela, nous avons examiné ce matériel didactique, en vue de ses représentations de race et de francophonie. Nous considérons ainsi les images reproduites dans les pages du livre, ainsi que des audios et des propositions d'activités, et comment sont présentés les pays où l'on parle la langue française, en réfléchissant au scénario d'enseignement encore guidé par des pratiques racistes et des racines coloniales.

**Mots-clés:** racisme; francophonie; matériel didactique; enseignement de FLE.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 - Mundo da Francofonia.....               | 14 |
| Figura 2 - Todos falam francês.....                | 14 |
| Figura 3 - Auxiliar de serviços gerais.....        | 15 |
| Figura 4 - Atividade Rua do Paraíso.....           | 16 |
| Figura 5 - Material LINGUAFRO.....                 | 18 |
| Figura 6 - Casal que deseja aprender francês.....  | 19 |
| Figura 7 - Professora do Ensino Médio.....         | 20 |
| Figura 8 - Atividade de informações para site..... | 20 |
| Figura 9 - Três atletas.....                       | 21 |
| Figura 10 - Celebridades francesas.....            | 21 |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....  | 1  |
| 2. INTRODUÇÃO.....  | 4  |
| 3. A LÍNGUA FRANCESA NO MUNDO.....                                      | 6  |
| 4. RAÇA E RACISMO.....  | 7  |
| 5. O LIVRO <i>VERSION ORIGINALE 1</i> .....                             | 9  |
| 6. AS REPRESENTAÇÕES DA FRANCOFONIA NO <i>VERSION ORIGINALE 1</i> ..... | 12 |
| 7. AS REPRESENTAÇÕES DE RAÇA NO <i>VERSION ORIGINALE 1</i> .....        | 18 |
| 8. CONCLUSÃO.....   | 22 |
| 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                                      | 24 |



## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo resulta de reflexões sobre minha experiência como estagiária bolsista no programa de extensão “LINGUAFRO – Idiomas afirmativos”. O programa LINGUAFRO foi idealizado no âmbito do Núcleo de estudos afro-brasileiros (NEAB) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e do YALODÊ - GEPLAFRO (Coletivo de Estudo e Pesquisa em Poéticas Afrolatinoamericanas e Educação para as relações Étnico-Raciais), coordenado pela Profa. Dra. Cíntia Camargo Vianna.

O programa LINGUAFRO foi criado em 2018 e, em sua primeira versão, consistiu em um curso de ensino de idiomas, criado para atender os estudantes pretos e pardos e em situação de vulnerabilidade, no que concerne ao acesso ao aprendizado de Língua Estrangeira. Ao promover o LINGUAFRO, verificou-se que havia uma lacuna na formação dos professores do projeto que eram estudantes voluntários. Os estudantes não conheciam as discussões sobre os processos de racialização e desestrangeirização do ensino de línguas e não acessavam em seus cursos o trabalho de pesquisadores e pesquisadoras negros e negras da área de formação de professores de língua estrangeira.

Lendo um mural na instituição, soube da vaga de estágio do curso de ensino de idiomas LINGUAFRO. Isso me chamou atenção imediatamente, porque, logo em sua descrição, percebi que tinha relação direta com minha busca na universidade e no curso de francês: estar envolvida com a temática racial, conhecer mais sobre a cultura africana por meio da língua francesa e, sobretudo, me capacitar para compartilhar o conhecimento de uma forma racializada e consciente

Foi um privilégio, logo no primeiro ano de graduação, 2018, conseguir uma vaga de estágio para atuar (no primeiro momento) como assistente dos professores que, na época, eram voluntários do programa. Ao mesmo tempo, era desafiador abrir mão de um trabalho formal e me dedicar exclusivamente aos estudos.

Após ser aprovada no processo seletivo, comecei a trabalhar auxiliando aqueles jovens professores de língua estrangeira. As demandas, de modo geral, consistiam em tarefas administrativas, em participar dos grupos de leitura, das reuniões do planejamento das aulas, além de manter contato com os alunos, sempre repassando informações sobre as atividades, eventos, materiais, etc. Lembro-me quanto me sentia pertencente àquele lugar, quando estava sentada à mesa de

reuniões com a Coordenadora e os professores. A discussão dos textos, o planejamento das aulas e o ambiente me transportavam para outro lugar. Eu estava rodeada por pessoas negras, em prol de jovens negros, compartilhando saberes, inquietações. De certa forma, (re)escrevendo o nosso futuro.

Ainda nesse período, pude ser aluna do curso de inglês que era ministrado pelo discente Lucas Fabiano Oliveira Costa, licenciado em Letras-Inglês pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Aquelas aulas eram fontes de inspiração, pois eu queria aprender a ensinar como ele: além do domínio do conteúdo, chamava-me a atenção a forma como ele se aproximava dos alunos, sempre politizada e racializada que trazia para o ensino de idiomas. Foi uma experiência ímpar que levo para minha vida.

Continuei por alguns meses no projeto enquanto foi possível a renovação do meu vínculo como bolsista. Em seguida, veio a pandemia; ainda que sem vínculo formal, buscava estar sempre ligada e vinculada ao projeto, acompanhando os grupos de estudo, redes sociais, etc.

Em 2021, ainda na pandemia, recebi um e-mail divulgando um curso online de formação de professores do projeto Linguafro, para o qual me inscrevi. Como estudante, eu esperava que minha prática em sala de aula fosse confirmada como adequada, buscava conhecimento sobre abordagens mais eficazes e diretas para lidar com questões étnico-raciais nas aulas de francês e, também, planejava aprofundar meus estudos sobre a cultura africana e afro-diaspórica. Logo nos primeiros encontros, pude perceber minhas expectativas sendo atendidas ouvindo pessoas de todo Brasil falarem de suas experiências enquanto professores que levavam as questões de raça para a sala de aula. Foi durante esse curso que minhas inquietações com o “eurocentrismo” do livro didático *Version Originale 1*, adotado pelo curso de Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, fizeram ainda mais sentido, pois pude acompanhar discussões de professores de diversos lugares do país abordando o quão excludente são os livros didáticos.

Faço minhas as palavras de Marieli de Jesus Pereira, quando conta sua experiência ao participar do curso o de extensão "Questões étnico-raciais e culturas de matriz africana no ensino de língua inglesa", promovido pelo Núcleo Permanente de Extensão em Letras (NUPEL) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), quando diz:

(...) a importância desse curso se dá por fomentar a investigação de recursos teóricos e metodológicos que possam conscientizar o alunado dos participantes de sua posição na sociedade, valorizando sua identidade e estimulando-os a usar a língua do neocolizador para combater o regime repressivo e racista da colonialidade, mostrando que o espaço escolar é mais que um local de transmissão de saberes científicos, é o território de reflexão, conscientização e contestação política (PEREIRA, 2021, p.15).

A experiência vivida nesse curso deu início a uma nova etapa em minhas trajetórias pessoal e profissional, tendo em vista que, logo em seguida, comecei a atuar como professora de língua francesa do programa LINGUAFRO. Tive a oportunidade de trabalhar em dois módulos, ambos dando aulas para estudantes pretos e pardos, alunos do ensino médio de escolas públicas. Desde o começo, me preocupei com o material didático, usava os livros para me orientar em relação ao conteúdo, ter um ponto de partida e um ponto de chegada, mas nunca os adotei em minhas aulas por perceber que não havia a mínima representatividade que contemplasse aqueles alunos. Lições simples como, por exemplo, ensinar a falar de si e conhecer o outro, eram introduzidas com questões raciais de identidade. Buscava ensinar os alunos a ter um olhar crítico e político e não acatar tudo que era imposto. Desenvolvendo este artigo, me vi nas linhas de *Ensinando a Transgredir - A educação como prática da liberdade*, de bell hooks: “o lecionar era um serviço, uma forma de retribuir à comunidade. Para os negros, o lecionar – o educar – era fundamentalmente político, pois tinha raízes na luta antirracista.” (hooks, 2021, p. 10).

## 2. INTRODUÇÃO

Este trabalho originou-se de observações assistemáticas do livro de ensino de Francês Língua Estrangeira (FLE), *Version Originale 1 – Méthode de français – Livre de l'élève*, no que diz respeito às formas de representação da população negra e da francofonia.

Ao ensinar uma Língua Estrangeira (LE), consideramos a relevância da reflexão acerca de representações (raciais e culturais), o que é de suma importância para a formação e construção identitária dos alunos e alunas, como sugere Nilma Lino Gomes (2005).

[...] não há como negar que a educação é um processo amplo e complexo de construção dos saberes culturais e sociais que fazem parte do acontecer humano. Porém, não é contraditório que tantos educadores concordem com essa afirmação e, ao mesmo tempo, neguem o papel da escola no trato com a diversidade étnico-racial? Como podemos pensar a escola brasileira, principalmente a pública, descolada das relações raciais que fazem parte da construção histórica, cultural e social desse país? E como podemos pensar as relações raciais fora do conjunto das relações sociais? (GOMES, 2005, p.145-146).

Além do professor e professora como agente de transformação em seu papel de formador de opinião, segundo Almeida Filho (citado por Ferreira, 2017, p.14) “os livros didáticos são também fatores muito importantes na produção do ensino de línguas”. Eles são carregados de ideais e valores que irão influenciar a compreensão dos alunos. Assim, essa premissa nos fez constatar, ao longo de nosso processo de investigação, que, nas páginas do método *Version Originale 1*, são escassas as imagens de pessoas negras e de outras etnias, assim como falta conteúdo substancial relacionado aos países onde se fala a língua francesa, sobretudo aqueles que não se situam no continente europeu, perpetuando, em salas de aula, uma prática de ensino eurocentrada e embranquecida. Por isso, levamos em conta o que, em *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*, bell hooks <sup>1</sup> (2017) aponta:

apesar de o multiculturalismo estar atualmente em foco em nossa sociedade, especialmente na educação, não há, nem de longe, discussões práticas suficientes acerca de como o contexto da sala de aula pode ser transformado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão. Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência

<sup>1</sup> bell hooks, assim mesmo, em minúsculas, é o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. O nome escolhido, grafado em minúscula, é um posicionamento político da recusa egóica intelectual. hooks queria que prestássemos atenção em suas obras, em suas palavras e não em sua pessoa.

de grupos não brancos possa se refletir num processo pedagógico, nós, como professores – em todos os níveis, do ensino fundamental à universidade –, temos de reconhecer que nosso estilo de ensino tem de mudar. Vamos encarar a realidade: a maioria de nós frequentamos escolas onde o estilo de ensino refletia a noção de uma única norma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados a crer que fosse universal. Isso vale tanto para professores brancos quanto não brancos. A maioria de nós aprendemos a ensinar imitando esse modelo. (hooks, 2017, p.51).

Tais observações para com esse material didático se fizeram ainda mais presentes a partir do compartilhamento de práticas e experiências vividas no curso de Formação de Professores do Projeto LINGUAFRO, conforme apontado anteriormente. Na ocasião, éramos professores em exercício e, também, professores em formação de todo o país compartilhando práticas e experiências de como tornar o ensino de LE <sup>2</sup> mais inclusivo. Isto posto, tal experiência nos fez considerar o que Paraguai e Pereira (2012), citados por Pereira (2021, p.9), propõem: a reflexão de que a maioria dos materiais didáticos de Francês Língua Estrangeira (FLE) tem como foco principal a França. Scheyerl e Siqueira (2012, p. 407) apontam que, “apesar de a língua francesa ser falada em diferentes regiões do mundo, é a França o principal, se não o único, polo produtor de materiais para o FLE. O que equivale a dizer que a metodologia do ensino do FLE foi sempre abordada em via de mão única, isto é: da França para o exterior”, não correspondendo, por exemplo, de forma plena às demandas de cenários marcados pela diversidade.

Assim, embora seja perceptível a inclusão de informações e propostas referentes aos demais países francófonos nos materiais didáticos de FLE, podemos perceber que quando esses países são representados, isso geralmente não é feito de forma equitativa em comparação com a França. Por isso, justifica-se, neste artigo, a análise do conteúdo do livro *Version Originale 1 – Méthode de français – Livre de l'élève*, levando a uma reflexão sobre as representações de raça e francofonia em suas páginas, tendo em vista uma proposição crítica das práticas docentes em relação ao material escolhido e como podemos atuar mediante ao cenário excludente, que apaga de suas páginas homens e mulheres de pele negra, e que não se aprofunda em aspectos relacionados aos países onde se fala a língua francesa.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, iniciamos fazendo uma leitura do livro *Version Originale 1 – Méthode de Français – Livre de l'élève*, a fim de mapear

<sup>2</sup> Língua Estrangeira.

os elementos relacionados à representatividade de raça e de francofonia. Analimos as imagens das pessoas representadas no livro e ouvimos os áudios, a fim de identificar as possíveis regiões e sotaques ali representados, intencionando identificar a diversidade linguística deste manual. Igualmente, apontamos como a prática docente pode contribuir para minimizar essa falta de representatividade observada no material didático.

Esta pesquisa pode ser qualificada como descritiva em seus objetivos, uma vez que visa relatar como uma determinada população é retratada no material analisado. Em termos de metodologia, é uma pesquisa bibliográfica e documental, pois utiliza as contribuições de outros autores sobre os temas abordados, além de analisar o conteúdo do livro *Version Originale 1* da editora Maison des Langues, incluindo seus materiais de áudio e imagem.

Em suma, consideramos a possibilidade de contribuir com a reflexão para as práticas antirracistas, sobretudo nos cursos de licenciatura de língua estrangeira da Universidade Federal de Uberlândia, visto que, em 2018, o livro *Version Originale 1* foi adotado pelo curso de Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa.

### 3. A LÍNGUA FRANCESA NO MUNDO

De acordo com Richard Marcoux, diretor da I 'ODSEF <sup>3</sup> “Nascemos cada vez menos francófonos, mas estamos nos tornando cada vez mais” (*Synthèse La langue française dans le monde*, 2022, p. 4, tradução nossa). Essa frase ressalta uma tendência emergente de que o francês é cada vez mais adotado como uma língua de escolha consciente e uma expressão de conexão cultural. Ao pensarmos em conexão cultural, refletimos como a cultura dos povos de países além da França estão sendo representados nos livros de ensino de FLE.

A quinta edição dos Relatórios e Observatório de Língua Francesa no mundo da OIF <sup>4</sup> – Organização Internacional da Francofonia (2022), aponta uma população de 321 milhões de falantes de francês; o idioma mantém sua posição

<sup>3</sup> Observatoire démographique et statistique de l'espace francophone de l'Université Laval à Québec.

<sup>4</sup> O referido relatório foi publicado em 2022 pela OIF, que divulga relatórios sobre a francofonia a cada quatro anos. Esse último relatório publicado divulgou informações dos anos 2018-2022. Mais informações disponíveis em: [www.francophonie.org](http://www.francophonie.org). Acesso em 1 mar. 2024.

como a quinta língua mais falada no mundo, seguindo o inglês, chinês, hindi e espanhol, o que denota um retrato da presença e uso do francês em uma ampla variedade de contextos sociolinguísticos. Uma observação destacada, mas ainda sub-reconhecida, é que a maioria dos falantes de francês e das crianças educadas em francês reside no continente africano.

É na África que o futuro do francês está sendo determinado. Como aponta o relatório da OIF, o crescimento do número de falantes de francês no continente Africano é superior ao registrado em todo o mundo, e essa região representa sozinha um grande contingente de falantes de francês, e a maior parte está concentrada nesse espaço.

A francofonia é uma comunidade linguística composta por falantes da língua francesa, que surgiu após a colonização de territórios por países francófonos, resultando na disseminação do idioma francês como forma primária ou secundária de comunicação oficial.

A Organização Internacional da Francofonia (OIF) foi estabelecida em 1970 para promover o francês e facilitar a cooperação política, educacional, econômica e cultural entre seus 88 Estados e governos membros. Além de promover a língua francesa e a diversidade cultural e linguística, a Francofonia busca fomentar a paz, a democracia e os direitos humanos, apoiar a educação, a formação, o ensino superior e a pesquisa, e desenvolver a cooperação econômica para o desenvolvimento sustentável. O uso do francês não se limita à França, mas está difundido globalmente, evidenciando a diversidade cultural e linguística subjacente ao conceito de francofonia. Portanto, determinar o lugar da língua francesa no mundo é ferramenta para a melhor compreensão das representações de seus (as) falantes em materiais didáticos.

#### **4. RAÇA E RACISMO**

Como destacado por Almeida (2019, p.22), a origem etimológica da palavra "raça" é alvo de debate; contudo, o vocábulo sempre esteve associado à categorização, inicialmente entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos, emergindo como um fenômeno moderno a partir do século XVI. O autor argumenta, ainda, que o conceito de raça é dinâmico e contextual, moldado por

circunstâncias históricas, de poder e de escolhas, refletindo a estrutura política e econômica das sociedades atuais. As condições do século XVI, como o avanço do comércio e a descoberta do Novo Mundo, deram um novo significado à ideia de raça, uma ideia de homem universal.

Almeida (2019) traz, ainda, uma contextualização acerca do conceito de raça ao longo da história. Ele observa que o século XVIII foi marcado pelo surgimento do Iluminismo, que redefiniu a visão do homem como objeto de estudo filosófico. Além de ser considerado um sujeito capaz de conhecer, o homem passou a ser também objeto de conhecimento, permitindo a comparação e classificação de grupos humanos com base em suas características físicas e culturais. Isso resultou, por exemplo, na distinção entre civilizado e selvagem. Embora o Iluminismo tenha inspirado as grandes revoluções liberais em busca da liberdade e do combate aos sistemas absolutistas, também contribuiu para a expansão colonial, justificada pela missão de levar a civilização a povos considerados primitivos. No entanto, o colonialismo foi marcado pela brutalidade e exploração, evidenciando contradições entre os ideais iluministas e a prática colonial. A Revolução Haitiana de 1791 destacou essas contradições ao exigir liberdade e igualdade universais para os negros escravizados pelos colonizadores franceses. Isso revelou que o projeto liberal-iluminista não garantia igualdade para todos. Nesse contexto, o autor aponta que o conceito de raça surgiu como uma ferramenta do colonialismo europeu para subjugar populações em várias partes do mundo, sustentado pelo racismo do século XIX, que perpetuou a inferiorização de certos grupos humanos. Embora a antropologia e a biologia tenham desacreditado as justificativas biológicas para a discriminação racial no século XX, a noção de raça ainda é usada politicamente para legitimar a segregação e o genocídio de grupos minoritários. Compreendido o conceito de raça, podemos abordar a questão do racismo. Almeida (2019), em *Racismo estrutural* aponta que

podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. Como dito acima, o racismo – que se materializa como discriminação racial – é definido por seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas (ALMEIDA, 2019, p.28).



Podemos constatar que o racismo está intrinsecamente ligado à segregação racial, que se manifesta na separação espacial das raças em áreas específicas, como bairros, guetos, periferias, entre outros.

Isto posto, refletiremos em que medida o livro *Version Originale 1* corresponde a práticas que se mostram excludentes e/ou racista. Isso significa que, mesmo com tamanha diversidade cultural acerca da francofonia e o maior número de falantes de língua francesa no continente africano, o foco principal do método está na cultura, história e literatura europeias, representando figuras de pele branca.

## 5. O LIVRO *VERSION ORIGINALE 1*

Nas próximas linhas, propomos uma análise do livro *Version Originale 1*, nosso objeto de pesquisa no presente trabalho. Será feita uma breve apresentação do livro e de sua metodologia. Em seguida analisaremos os documentos de áudio, buscando mostrar os sotaques e as variantes da língua francesa representados no material. Por fim, analisaremos as imagens, faremos um levantamento da quantidade de pessoas negras presentes no material e a maneira como são representadas e apontaremos, também, a representação dos países onde se fala língua francesa, trazendo uma reflexão do cenário de ensino do material em questão.

O livro *Version Originale 1* foi lançado em 2009 pela editora Maison de Langues e seus autores são: Marie-Laure Lions-Olivieri e Monique Denyer. Este manual assenta, segundo os seus autores, numa abordagem didática e metodológica orientada para a ação, tendo como lema “Ação para todos!”, e sugere:

aprendizagem progressiva adaptada a cada nível, sequências didáticas desenhadas especificamente para conduzir à tarefa final, léxico indutivo e trabalho gramatical para tornar o aluno um ator na sua aprendizagem, compreensão oral autêntica diversidade de sotaques e situações, entonações naturais. (DENYER&OLIVIERI, 2009, p.159 tradução nossa).

*Version Originale 1* adota uma abordagem Acional. Advinda após os anos da abordagem comunicativa, nessa concepção, o aprendiz é considerado um “ator social” e realiza tarefas variadas de acordo com a circunstância. Uma tarefa, por sua vez, é definida como “[...] qualquer ação com uma finalidade considerada necessária

pelo indivíduo para atingir um dado resultado no contexto da resolução de um problema, do cumprimento de uma obrigação ou da realização de um objetivo” (CONSEIL DE L’EUROPE, 2001, p. 29). Essa definição pode englobar uma ampla gama de atividades, como fazer uma ligação para um amigo, escrever um livro, solicitar uma refeição em um restaurante, utilizar o transporte público, realizar transações bancárias, consultar um médico, entre outras. Trata-se, sobretudo, de abordagem que prioriza a produção em língua estrangeira, focando em sua funcionalidade, e cuja importância é vastamente apontada em obras como *Élaborer un cours de FLE*, de Janine Courtillon (2003).

Os manuais de ensino e aprendizagem de Francês Língua Estrangeira (FLE) têm buscado se alinhar às diretrizes do Quadro Europeu Comum de Referência (QECR), que estabelece níveis comuns de referência e define as habilidades esperadas para cada nível de proficiência. O QECR constitui uma orientação geral para a produção de métodos de ensino e de avaliação que sejam aplicáveis a todas as línguas na Europa. Ele foi concebido para dar conta da realidade do ensino-aprendizado de línguas estrangeiras em solo europeu. No entanto, mesmo sem levar em consideração, integralmente, as realidades e as necessidades de aprendizes locais, os materiais didáticos de FLE que derivam das posturas ali preconizadas são utilizados em todos os continentes do planeta.

De acordo com Scheyerl e Siqueira (2012, p.417), uma das preocupações centrais do QECR é o desenvolvimento da competência multicultural dos alunos, destacando a interação entre língua e cultura como essencial para uma compreensão abrangente da língua estrangeira. No entanto, apesar dessa ênfase, muitos materiais didáticos ainda não incorporam de maneira adequada essa abordagem multicultural, permanecendo centrados em aspectos culturais específicos, muitas vezes relacionados à cultura francesa. Os autores afirmam, ainda, que esta abordagem limitada não atende às necessidades diversificadas dos aprendizes, que podem ter interesses variados, objetivos diferentes para o aprendizado da língua e origens culturais diversas. Assim, enquanto o QECR preconiza uma integração mais ampla da diversidade cultural na sala de aula de línguas, a prática atual ainda apresenta desafios significativos na implementação efetiva desses princípios.

Somado a isto, tivemos a oportunidade de ler o trabalho “Representações sociais e linguísticas da francofonia: reflexões sobre a negritude no método *Défi 1*”

(2021), de Andreza Paes Pereira, que também foi uma fonte de inspiração e de grande contribuição para elaboração deste artigo. No referido texto, encontramos algumas considerações importantes que contribuíram para nossas reflexões acerca das representações, sobretudo em suas análises sobre representações sociais e linguísticas da francofonia, dedicadas à verificação do lugar ocupado por países da África Subsaariana no livro *Défi 1*, publicando em 2018 pela editora Maison des Langues.

O nível A1 do livro do aluno *Version Originale 1* é composto por 8 unidades, de 12 páginas cada; entretanto, podemos perceber, já em uma análise inicial, a falta da pluralidade para com as representações culturais, de raça e francofonia no método, indo na contramão daquilo que afirma Jane Margareth Ferreira (2017, p.14): que a francofonia é defendida como um espaço de trocas culturais, respeito e cordialidade entre povos, principalmente, os povos francófonos. Essas pressuposições também podem ser verificadas através da Organização Internacional da Francofonia (OIF) e dialogam com Scheyerl e Siqueira (2012, p. 408), quando apontam que “apesar de a língua francesa ser falada em diferentes regiões do mundo, é a França o principal, se não o único, polo produtor de materiais para o FLE. O que equivale a dizer que a metodologia do ensino do FLE foi sempre abordada em via de mão única, isto é: da França para o exterior”.

Segundo Pereira (2021, p. 21), ao citar Bergmann (2009), o livro didático é visto como “[...] um livro que funciona como fio condutor das atividades que serão desenvolvidas em aula, sendo frequentemente a única fonte de consulta e de leitura dos alunos e, às vezes, até mesmo do professor”. Ainda citado por Pereira (2021, p.21), Coracini (1999), também ressalta que “não raro, o(s) livro(s) didático(s) corresponde(m) à única fonte de consulta e de leitura dos professores e dos alunos” (p. 17). Portanto, considerando as premissas até aqui apontadas, propomos, neste artigo, uma reflexão acerca dos efeitos dos materiais didáticos utilizados em um curso de FLE (Francês Língua Estrangeira), sob o ponto de vista das representações de raça e da francofonia. Na opinião de Mohamad-Hossei Otrosh e Kamyar Abdoltajedini, em “Analyse de la dimension interculturelle du *Manuel Version Originale 1*”, desde as primeiras unidades, a abordagem proposta não proporciona uma aprendizagem combinada língua-cultura, o que levaria gradualmente o aluno da sua própria cultura para a cultura estrangeira.

## 6. AS REPRESENTAÇÕES DA FRANCOFONIA NO VERSION ORIGINALE 1.

Esta seção dedica-se à análise das representações da francofonia no método *Version Originale 1*, por meio da averiguação de áudios e de imagens.

A análise dos áudios presentes em *Version Originale 1* tem o objetivo de identificar as variantes da língua francesa apresentadas no livro. Estudos como os de Peruchi (2004), Gonçalves (2014) e Marangoni (2018) citados por Pereira (2021, p. 22) apontaram que a variante de Paris é a que predomina nos materiais didáticos de ensino de FLE, o que nos serve de base para a verificação de *V.O.1*.

Acessamos os áudios através do CD que acompanha o livro. No total, o livro do aluno *Version Originale 1* contém 42 faixas de áudio distribuídas entre as 8 unidades, além daquelas destinadas às práticas para o exame *Delf A1*. Para a nossa análise, selecionamos apenas aqueles em que tínhamos uma situação de diálogo – isto é, relacionado a um aspecto acional. Foram analisadas 18 faixas: 01, 03, 06, 10, 12, 13, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 29, 30, 31, 33, 38 e 42.

A forma como as pessoas dos áudios analisados se comunicam configura um modelo de como devemos nos expressar no idioma, sendo um pilar de aprendizado para a língua francesa, ou um modelo para repetição. Observamos pelo sotaque, pelas expressões, pronúncias, que não há áudios que representem, de maneira significativa, as variantes da língua francesa de países africanos ou de outros continentes. Atualmente, temos várias plataformas<sup>5</sup> que possibilitam o reconhecimento das diferentes variações da língua francesa, o que nos levou a identificar a escassez de tal variação em nosso material de estudo.

O som do “R posterior”, o “R” que aprendemos e ensinamos a pronunciar com a garganta, é muito evidente nesses áudios; ou seja, não corresponde a todas as variantes da língua, visto que nem todos os falantes dos países francófonos o fazem dessa forma. Além disso, expressões de “onomatopeia” que também são características dos franceses, são bem acentuadas: “ah, ben, euf, etc”. Há, portanto, um modelo de fala a ser seguido, e que se distancia dos falares de outras localidades.

---

<sup>5</sup> Um exemplo é a plataforma de ensino e aprendizagem de língua Francesa da TV5, que disponibiliza diferentes programas de países onde se fala francês.

Para tanto, destacamos a primeira unidade do material como exemplo de análise. Na página 13, consideramos atividades de áudio, as quais descrevemos a seguir:

4.A) Quatro pessoas se apresentam informando seus nomes e sobrenomes; observamos que os nomes e os sotaques se assemelham aos da Metrópole.

5.B) Oito clientes estariam em uma recepção de hotel retirando as chaves dos seus respectivos quartos;

Nas atividades 4.A e 5.B, foram reproduzidas vozes de 12 pessoas; observamos que apenas uma (a última da atividade 5.B) destoa, discretamente, dos demais. Tal condução se repete ao longo do material. Dos 18 áudios analisados, percebemos que todos trazem os sotaques e expressões que se aproximam da variante da França. Observamos, portanto, que a pluralidade da francofonia não está presente nas faixas de áudio do *Version Originale 1*. Consideramos, ainda:

Ao ensinar as variações linguísticas na língua falada os alunos obtêm um conhecimento mais amplo sobre o idioma, descobrindo também um pouco sobre a cultura do país. Aqueles que falam o francês e que um dia viajaram até a França ou para os países francófonos puderam ter o contato de perto com as variações verbais que geralmente são faladas nas ruas de maneira informal. Muitos dos professores tiveram essa experiência ao chegar em um desses países, desta forma, seria de grande valia trazer para a sala de aula um pouco desta realidade na língua para os alunos, causando, assim, um aprendizado mais completo do idioma facilitando a compreensão de diálogos existente em redes sociais, nas ruas e em ambientes domésticos. (SILVA, 2018, p.185).

Ainda no que diz respeito às representações de francofonia, fizemos também uma análise das imagens. As imagens analisadas foram selecionadas buscando contextos variados e diferentes formas de representação.

Na unidade 1, na página 20 (Imagem 1), podemos ver um mapa com o seguinte título: “O mundo da francofonia” (tradução nossa). Nele, podemos observar como o francês está presente em todo o mundo. No entanto, o continente europeu aparece em destaque, como se representasse o centro de interesse para o aprendizado da língua francesa.

Figura 1 - Mundo da Francofonia



Fonte: Version Originale 1, p.20.

A atividade 14, da mesma página, intitulada “Todos eles falam francês” (tradução nossa) demanda ao (à) aluno (a) dados que se relacionam apenas à França, Canadá, Bélgica e Suíça, limitando os horizontes sociais e culturais a apenas esses países, que constam da página 21. Ainda na página 21, há uma outra proposta (Figura 2), intitulada “Paris”, na qual o (a) aluno (a) deve assistir a um vídeo e identificar, mais uma vez, aquilo que remete exclusivamente ao dado cultural francês:

Figura 2 - Todos falam francês

**PARIS**

**A.** Relevez les mots que vous voyez dans la vidéo.

|                                      |                                    |
|--------------------------------------|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> taxi        | <input type="checkbox"/> jazz      |
| <input type="checkbox"/> restaurant  | <input type="checkbox"/> croissant |
| <input type="checkbox"/> bar         | <input type="checkbox"/> boutique  |
| <input type="checkbox"/> boulangerie | <input type="checkbox"/> téléphone |
| <input type="checkbox"/> métro       | <input type="checkbox"/> théâtre   |
| <input type="checkbox"/> Poste       | <input type="checkbox"/> Trocadéro |
| <input type="checkbox"/> parisien    | <input type="checkbox"/> café      |



**B.** Choisissez 4 photos pour présenter la capitale de votre pays.



vingt et un | 21

Fonte: Version Originale 1, p.21.

Ao avançarmos para a unidade 2, cujo objetivo é apresentar uma pessoa, nos deparamos com alguém do continente Africano. Na página 23, temos a foto de um homem, não negro, do Marrocos. Chamamos a atenção para a profissão dele, que está descrita como “Toutes activités professionnelles”.

Figura 3 - Auxiliar de serviços gerais



Fonte: Version Originale 1, p.23.

Isso nos faz pensar, por exemplo, ser ele alguém que se dedica aos “serviços gerais”. O que podemos refletir acerca desta imagem é a forma como um país do continente africano está representado: por um homem que não é negro, em uma profissão generalizada que nos remete a um lugar de subserviência.

Já na unidade 3, o livro propõe recursos para que os (as) alunos consigam falar do lugar onde moram. Chamamos a atenção para o título da unidade, “Mon quartier est un monde”, o que significa “Meu bairro é um mundo” (tradução nossa). Ao refletirmos sobre o título dessa unidade, fazemos uma reflexão e nos perguntamos: a que mundo estamos nos referindo? Há, na proposta da unidade, o objetivo de que o (a) aprendiz descreva o seu “bairro ideal”. Seria esse bairro situado em uma cidade europeia, com suas particularidades, sem quaisquer referências a outras localidades de países francófonos, em um ideal apenas centrado na Metrópole? Como podemos ver na imagem abaixo (Figura 4), a atividade de primeiro contato demanda a elaboração de uma “Rue du Paradis”, isto é, uma rua do “Paraíso”, que contém

elementos que se associam a imagens que correspondem ao dado europeu representado do livro.

Figura 4 - Atividade Rua do Paraíso

Premier contact

**1. RUE DU PARADIS**

**A.** Qu'y-a-t-il dans ce quartier ?

| Il y a...      | Ouï                      | Non                      |
|----------------|--------------------------|--------------------------|
| une pharmacie. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| un restaurant. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| un parc.       | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| un fleuriste.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| dés bars.      | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| dés magasins.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

**B.** Observez les cartes de visite :  
comment s'écrit l'adresse en français ?

trente-neuf | 39

Fonte: Version Originale 1, p.39.

Na página 40, dando sequência à proposta acima, temos a reprodução do que seria uma capa de revista, com título perguntando qual seria o melhor lugar para se viver. As opções são Nantes, Toulouse e Lyon – ou seja, grandes cidades francesas. Isso nos leva a pensar que, aparentemente, as melhores opções para se almejar, entre os (as) alunos (as) de francês, para habitação, ou mesmo turismo, estão sempre na França. Dessa forma, esses destinos acabam limitando as perspectivas de contatos culturais, ao menos nesse primeiro momento de aprendizado da língua, a apenas um único país.

Mais adiante, página 60, há uma lista com 10 personalidades francófonas, sob o título “Top 10: les chouchous des Français”, o que quer dizer que se trata de um ranqueamento dos “queridinhos dos franceses”. Entre eles, há apenas duas pessoas provenientes de outros países francófonos: Marrocos e Bélgica. Do Marrocos, temos o consagrado ator Jean Reno, reconhecido por suas atuações em filmes produzidos na França, naturalizado francês e de família originária da Espanha. Da Bélgica, temos Madeleine Cinquin, religiosa francesa, que auxiliou pessoas em situação de pobreza



e ficou conhecida como Sœur Emanuelle. Assim, entendemos que o único espaço dado pelo material ao reconhecimento de figuras famosas do mundo francófono prioriza a pessoas da França. Fica, portanto, sempre a cargo do (a) professor (a) transpassar a barreira desse método, levando à classe outras possibilidades e outros contatos.

Isso nos leva a refletir de que modo podemos minimizar essa situação de falta de representatividade nos livros didáticos. Percebemos avanços, mas, igualmente, percebemos que estamos muita das vezes reproduzindo um comportamento racista que nos foi ensinado sem nos darmos conta. Em *Ensinando a transgredir*, Hooks (2021) aponta que:

a prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem número de outras diferenças (hooks, 2021, p.174).

Várias são as possibilidades de vislumbrar uma transformação efetiva: as políticas públicas, pressionar as editoras que aos poucos vêm adaptando os materiais, etc. São muitas as possibilidades. Na Universidade Federal de Uberlândia, podemos citar, mais uma vez, o Programa LINGUAFRO, um curso de idiomas voltado para pessoas autodeclaradas pretas, com professores (as) pretos (as) cujo material de ensino é produzido e racializado, o que traz um impacto positivo na vida das pessoas envolvidas. No ano de 2023, a turma de ensino de Língua Francesa era composta inicialmente por 7 alunos do ensino médio da rede pública da cidade de Uberlândia. Em nossa aula inaugural do curso de francês, foi apresentado um material cujo a foto de capa (Figura 5) contém adolescentes negros, e as reações dos alunos, ao se depararem com ela, foram muito positivas, pois houve uma identificação. O simples fato dos alunos se verem representados no material, trouxe mais confiança e motivação.

Figura 5 - Material LINGUAFRO

**BIENVENUES !**

**LINGUAFRO  
FRANCÊS –  
NIVEAU A1 .**

**UFU/2023**



**@mademoiselleanasilva**



Fonte: Autoria Própria.

Acreditamos que existem várias oportunidades nos cursos de idiomas de contribuir para uma educação mais inclusiva e minimizar as reproduções racistas de apagamento da população francófona e negra que se perpetua de forma sutil no livro didático. No que se refere especificamente às questões de representação de raça, apresentaremos nossa proposta de análise nas próximas linhas.

## **7. AS REPRESENTAÇÕES DE RAÇA NO VERSION ORIGINALE 1**

Neste tópico, contabilizamos quantas pessoas negras aparecem nas imagens do livro *Version Originale 1*, analisando como são representadas, bem como os papéis e lugares que lhes são atribuídos nas lições.

Tomando como inspiração a monografia de Pereira (2021, p. 29), devemos fazer algumas considerações importantes. Nem todas as pessoas foram contabilizadas. Desenhos representando seres humanos não foram contados, e, caso fossem, não há nenhuma pessoa negra representada nessas ilustrações. Pessoas que apareceram na capa não foram contadas pois essas apareceram mais de uma vez ao longo do material. Consideramos imagens nítidas em situações diferentes de todas as unidades. Logo, levando em conta esses critérios, foram analisadas as

imagens das seguintes páginas: 12, 13, 18, 22, 23, 24, 25, 28, 32, 33, 38, 39, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 58, 60, 63, 66, 67, 68, 74, 76, 77, 80, 86, 88, 89, 98, 104, 106, 107, 108, 109, 111, 116 e 117. Foram analisadas o total de 119 fotos, dentre as quais apenas 7 trouxeram imagens de pessoas negras. Esse resultado nos leva a refletir sobre a forma de representação das pessoas negras escolhida pelo método, que se mostra excludente.

Ao analisar os números, fica claro que há uma disparidade na quantidade de pessoas negras e não-negras representadas no material. Como mostrado, esse número representa menos de 10% do total de pessoas negras no livro, o que está muito aquém da realidade da francofonia. Chamamos atenção para os resultados serem próximos do trabalho realizado por Pereira (2021), quando se analisou o livro *Défi 1* - também foram menos de 10% o número de pessoas negras representadas nesse material. Além dos números, destacamos a forma como essas pessoas estão sendo representadas.

Observamos, na imagem a seguir (Figura 6), um casal de pessoas negras em uma lição onde se pergunta os motivos para se estudar francês. Subentende-se que são estrangeiros, pois, na atividade em questão, eles estariam buscando razões para aprender a língua francesa. Chama-nos a atenção o fato de ser a única imagem em que o “lugar” das pessoas negras não está estabelecido no livro, deixando algumas possibilidades - poderiam estar estudando francês para trabalhar, viajar, ler em francês, viver na França, para colocar no currículo, etc.

Figura 6 - Casal que deseja aprender francês



Fonte: Version Originale 1, p.25.

Em seguida, na unidade 2, temos uma mulher negra, assinalada como francesa, professora do ensino médio, que se faz presente em uma proposta de situação em que três pessoas adultas informam seus dados pessoais na secretaria de uma escola onde fazem um curso noturno.

Figura 7 - Professora do Ensino Médio

**2 | À la découverte de la langue**

**7. AU SECRETARIAT**

**A.** Trois étudiants suivent un cours du soir. La secrétaire de l'école leur demande des renseignements personnels. Complétez les fiches suivantes.

**B.** À votre tour, répondez aux questions suivantes.

Comment vous appelez-vous ?

Fonte: Version Originale 1, p. 28

Continuando na unidade 4, que corresponde à imagem a seguir (Figura 8), temos uma atividade em que três homens enviam mensagens para um site de encontro de pessoas com interesses em comum. Dos três homens, apenas um é negro. Desta vez, um jovem da Martinica, professor de música.

Figura 8 - Atividade de informações para site.

**TROUVEZ UN CORRESPONDANT !** DÉJÀ INSCRIT(E) ?

**Sujet : Je cherche un correspondant**  
Auteur : Mark  
Date : 23/09

Salut ! Je m'appelle Mark. Je suis martiniquais et j'habite à Fort-de-France. J'ai 26 ans, je suis professeur de musique et j'adore apprendre des langues. J'étudie l'anglais, l'espagnol et je parle quelques mots d'italien. J'aime aussi la cuisine, sortir avec mes amis mais ma grande passion est la musique. À bientôt !

répondez ici !

**Sujet : Je cherche un correspondant**  
Auteur : Christophe  
Date : 25/09

Salut à tous ! Je suis de Nîmes. J'ai 28 ans et je m'appelle Christophe. Je parle l'anglais et l'italien et j'apprends le chinois. J'aime le ciné et le théâtre, j'adore lire et je pratique des sports d'hiver (j'adore passer des week-ends à la montagne !). J'aime aussi sortir le soir avec mes copains. Écrivez-moi !

répondez ici !

**Sujet : Je cherche un correspondant**  
Auteur : Philippe  
Date : 25/09

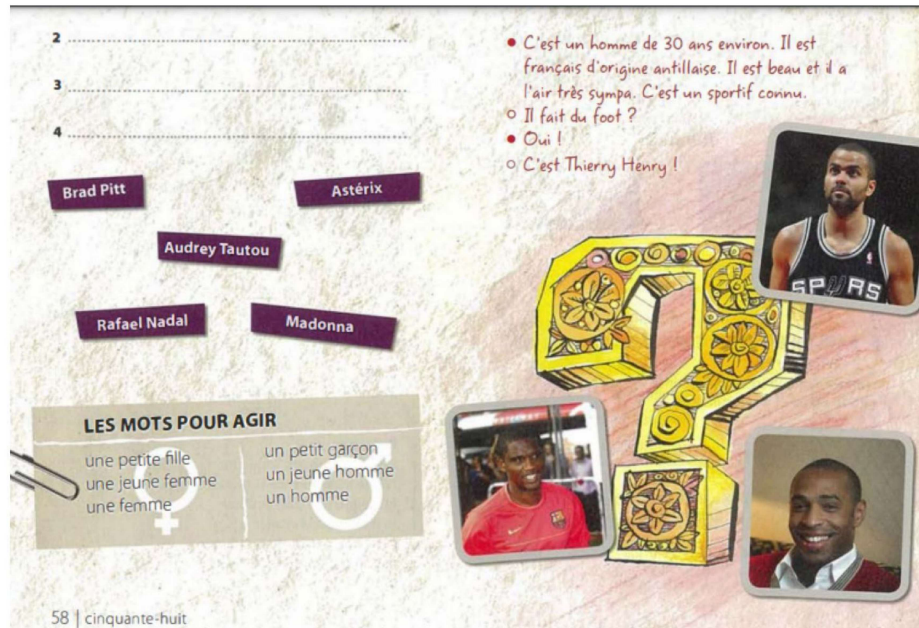
Bonjour de Bordeaux ! Je m'appelle Philippe, je travaille dans l'informatique et j'ai 24 ans. Je parle l'anglais et l'espagnol et j'apprends l'italien. J'aime la natation, le vélo, le ski et le tennis... bref, je suis très sportif. J'adore voyager et je fais aussi de la photographie et de la vidéo.

répondez ici !

Fonte: Version Originale 1, p. 53.

A seguir, uma imagem com três homens negros, os três são atletas. Novamente percebemos as pessoas negras sendo representadas com seus lugares já estabelecidos pelos autores.

Figura 9 - Três atletas.



Fonte: Version Originale 1, p. 58.

Para finalizar a contabilização das (poucas) imagens com pessoas negras presentes no livro, temos na página 60, o já citado ranking 10 celebridades francesas, sendo apenas um homem negro: Yannick Noah, ex-jogador de tênis, atualmente cantor (Figura 10).

Figura 10 - Celebridades francesas



Fonte: Version Originale 1, p. 60.

Após analisar essas imagens, nos questionamos por que as pessoas negras representadas no livro *Version Originale 1* têm os seus lugares determinados: especificamente, professores, músicos, atletas? Não que sejam posições que os coloquem em desvantagem, mas o lugar permitido a eles nos soa estabelecido. O que observamos, em relação às pessoas não negras representadas no material, é uma pluralidade de representações. Um exemplo consta de uma foto, que remete à uma mesa de reuniões de um grupo corporativo, na página 76 – um grupo de homens brancos. Na página 77, há um trio de homens brancos praticando yoga. Podemos citar também pessoas não negras realizando tarefas do dia a dia, como, por exemplo, correndo na praia, adultos e crianças que podem ser interpretados como uma família que acorda tarde no final de semana, tomando seu café da manhã, etc. Vários são os lugares ocupados por pessoas não negras.

Assim, entendemos que o racismo se manifesta de forma sutil no material, onde as pessoas negras até estão representadas, mas em forma e números restritos.

## **8. CONCLUSÃO**

Neste trabalho, exploramos as representações de raça e da francofonia usando o livro de francês língua estrangeira *Version Originale 1*, da editora Maison des Langues, como objeto de estudo. A escolha desse livro se deve ao fato de ter sido adotado pelo curso de Francês e Literaturas de Língua Francesa da Universidade Federal de Uberlândia, no ano 2018. Realizamos uma análise dos materiais de áudio e imagem do livro, revelando a falta de espaço dedicado a pessoas negras e francófonas, principalmente do continente africano. Identificamos não apenas o silenciamento dessas populações, mas também a atribuição de características específicas, como, por exemplo, em suas profissões.

No que diz respeito às variantes linguísticas da francofonia, foi possível constatar que o livro se limita a contemplar, na maior parte dos áudios, a da língua utilizada na França. Como vimos em Pereira (2021, p.37), ao citar Teixeira (2016), “não trazer as variantes de países africanos nos materiais de ensino do idioma

francês contribui para a delimitação de representações linguísticas no que tange ao pluralismo francófono”.

Considerando as representações sociais da francofonia, concordamos com Pereira (2021) quando ressalta que países africanos têm pouco espaço atribuído no material didático. O que observamos é que os países como França, Bélgica, Suíça e Canadá são representados de várias maneiras, com seus aspectos socioculturais variados, enquanto os poucos países africanos estão voltados ao trabalho.

Vimos que a língua francesa está presente nos cinco continentes, mas onde está essa pluralidade cultural no livro didático? A francofonia, para além da Europa, precisa ocupar um lugar consistente nos livros didáticos. Entendemos a importância dos livros didáticos em sala de aula, pois, muitas vezes, eles são a única fonte de consulta para professores e alunos. Precisamos explorar mais outras fontes, de modo a enriquecer e praticar mais o multiculturalismo presente na francofonia. É necessário e urgente que as variantes de língua francesa, países francófonos além da Europa e imagens de pessoas negras tenham um lugar proporcional nos livros didático em relação ao alcance do francês no mundo.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. (2018). **Racismo Estrutural**. São Paulo. Editora Feminismos Plurais. 2019. 216p.

COURTILLON, Janine. **Elaborer un cours de FLE**. Paris : Editions Hachette. 2003. 160p.

DENYER, Monique et al. **Version Originale 1: Méthode de français livre de l'élève**. Paris: Editions Maison des Langues. 2009. 160p.

FERREIRA, Jane Margareth. **Francofonia: igualdade e diversidade? Ensino-aprendizagem de língua estrangeira (francês) e relações étnico-raciais no contexto do distrito federal**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2017, 124f.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação**. Superando o racismo na escola, v. 2, p. 143-154, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem fronteiras, v.12, p. 98-109, 2012.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p.

L'ORGANISATION Internationale de la Francophonie: **La francophonie**. Disponível em: <https://www.francophonie.org/la-francophonie-en-bref-754>. Acesso em: 1 mar. 2024.

OTROSHI Mohamad-Hossei; ABDOLTAJEDINI Kamyar. **Analyse de la dimension interculturelle du manuel Version Originale 1**. Recherches en didactique des langues et des cultures, p. 3-17, 2020.

PEREIRA, Andressa Paes; **Representações Sociais E Linguísticas Da Francofonia: Reflexões Sobre A Negritude No Método Défi 1**. Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Francês – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras), Rio de Janeiro, 2021, 43f.

SCHEYERL, Denise; SIQUEIRA, Sávio. **Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade : contestações e proposições**. Salvador, 2012. 534 p.



